

Surpresas ao amanhecer em Gibraltar



Chegou à praia com frio e totalmente encharcada. Maria sabia que, se fosse vista daquela maneira, seria recolhida e deportada imediatamente. Por isso procurou se esconder entre as várias embarcações atracadas e os amontoados de redes, caixas e demais detritos deixados pelos navios. Soltou devagar as tranças para secar os cabelos. Usou os dedos finos como pente e, carinhosamente, massageou o pescoço e a frente para estimular a circulação sanguínea.

Respirou fundo. Olhou em volta para assegurar-se de que não era observada e tirou o *xador* para estendê-lo ao sol que começara a aparecer na praia de rochas escuras e pouca areia, recoberta por algas e vegetação trazidas pela tempestade.

Estava ocupada planejando os próximos passos, quando percebeu a presença de um grupo de homens que, com ela, foram transportados pelo barco de Said na noite anterior. Eram ao todo oito marroquinos tentando chegar à Europa pela porta espanhola de Gibraltar. Num primeiro impulso pensou em aproximar-se e seguir o caminho traçado por eles.

Lembrou-se, entretanto, das palavras de Nasser, o jovem que a ajudara a embarcar: “uma jovem sozinha terá mais chance de escapar se não for vista pelos funcionários da imigração”.

Verificou, então, se o dinheiro com o qual partira ainda estava consigo e suspirou aliviada ao encontrá-lo. Permaneceu onde estava e em silêncio. Os conterrâneos separaram-se e seguiram caminhos diferentes. Dois deles estavam fingindo-se de carregadores de um navio, quando foram abordados pelos policiais. Não possuíam nenhum documento ou prova de estarem radicados no lugar. A situação ficou irreversível quando o encarregado do navio afirmou que não conhecia nenhum deles. Foram levados para Los Capuchinos, uma prisão recém-construída em Málaga, com capacidade para sessenta e dois homens e doze mulheres, imigrantes que deveriam aguardar o processo de deportação. No entorno da prisão formara-se uma pequena vila de pescadores, que abasteciam tanto as forças policiais como os refugiados que viviam em Melilla.

Maria resolveu sair do esconderijo quando o sol já se punha. Estava cansada, com sede e fome. Sorrateiramente, caminhou pela orla e percebeu o povoado mais à frente. Adentrou uma rua estreita em busca de comida. Parou numa pequena estalagem. Ofereceu dinheiro em troca de banho, roupa e refeição. A mulher perguntou se iria dormir. Estava prestes a aceitar quando lhe veio à mente as palavras de Said recomendando que não se registrasse em nenhum alojamento. Preferiu recusar e, depois de recuperada pela alimentação, pelo banho e pelas novas roupas obtidas, seguiu em frente.

- Como poderei viver desconfiando de tudo e de todos? – perguntou-se em voz alta. – Preciso superar esse temor e procurar viver em harmonia com as pessoas – prosseguiu, conversando sozinha.
- É fácil – retrucou uma voz a seu lado.

Assustou-se e olhou com receio. Era uma jovem marroquina de aproximadamente 15 anos. Convidou Maria a seguir com ela. Chegaram a uma pequena vila de pescadores. As casas eram muito antigas, em estilo mourisco, do tempo em que os árabes ocuparam a península Ibérica pelo estreito de Gibraltar.

- Há quanto tempo vocês vivem aqui? – perguntou para a menina.
- Não sei. Quando cheguei, pelo mesmo caminho que você, ainda era pequenina e nossa comunidade já estava estabelecida nesta vila. Pescamos, produzimos redes e, especialmente, protegemos os migrantes do Marrocos que vêm em busca de uma vida melhor.
- As autoridades não os reprimem por esse trabalho? Como conseguem sobreviver aqui, numa vila tão pobre?
- Você está enganada, temos uma vida simples, mas muito bem estabelecida. Podemos frequentar a escola, nossas crianças têm bom atendimento médico e alguns de nós frequentam a universidade. Apenas não vivemos em grandes cidades, mas temos tudo o que queremos e precisamos. Somos protegidos pelas associações de direitos humanos que existem na Espanha, ligadas ao Unicef.

Maria ficou pensativa. Aquela menina tinha uma segurança invejável e parecia feliz. Era isso o que buscava desde que perdera as pessoas queridas, parentes, amigos, o sentido de pertencer a uma comunidade foi ficando cada vez mais importante para ela.

Talvez devesse mesmo permanecer na vila e reaprender com aqueles conterrâneos simples um novo sentido de solidariedade. Sem dúvida – ponderou consigo mesma –, seria uma boa experiência que não se distanciava tanto do sonho anterior de viver na Europa.

Depois de alguns dias, Maria resolveu visitar a Granja Agrícola próxima ao aeroporto de Melilla, transformada em campo de refugiados. Gostaria de conhecer as múltiplas histórias de africanos como ela mesma, em busca de um novo lugar para viver. Pretendia ainda descobrir os motivos que levavam todos eles a escolher a Espanha como destino. De certo modo, procurava refletir sobre o próprio caminho e conhecer outros africanos que viviam de modo mais precário ainda. Percorreu as ruas de Melilla com um pouco

mais de segurança. Sentia-se como uma criança pequena que se separara da mãe e caminhava sozinha pelas ruas. Olhava tudo com atenção redobrada. Quando chegou à Granja, ficou impressionada com a pobreza dos moradores.

Trombou, sem querer, com uma menina sentada no chão de terra batida brincando com uma criança no colo. Ambas estavam sorridentes num mar de pessoas desesperançadas. Perguntou à menina de onde viera. Respondeu que era do Zaire, sua amiga era de Ruanda, outro rapaz chegara da Nigéria, e que também conhecia gente do Gabão, da Guiné-Bissau, da Zâmbia, da Gâmbia e do Senegal.

- Como chegaram aqui? – perguntou, olhando para o infinito.
- Por terra, de ônibus, caminhões ou mesmo em caminhonetes.
- Mas o Senegal é tão longe! E o deserto do Saara? Como sobreviveram a tantas dificuldades?
- Em alguns casos, muitos caminham a pé mais de 200 quilômetros. Essas caminhadas podem ser mais longas ainda, se, em vez de Melilla, as pessoas seguirem para Ceuta. Saiba onde é?
- Sei que é longe, fica em frente ao grande rochedo de Gibraltar, não?
- Não sei. Que nome esquisito...

Maria admirou o olhar brilhante da criança e percebeu que em meio a tanto sofrimento ainda havia alegria. Admirou muito esses seres humanos sem-teto. A granja desativada era agora um novo acampamento, onde as pessoas distribuíam-se pelos galpões ou mesmo montavam moradias nos automóveis acidentados, como se fosse um grande ferro-velho.

Enquanto observava o acampamento, pensou na necessidade de divulgar as condições de vida daqueles moradores e sensibilizar as pessoas sobre aquele drama humano.

A menina desenhava no chão de terra batida um camelo e um oásis. Maria perguntou onde era aquele lugar.

- É onde vou morar, quando puder sair daqui. Minha casa será bem grande, com muita sombra, água para banho e para lavar tudo bem limpinho. Terá esteiras de dormir, grandes almofadas e um lugar com bancos para comer. Vou brincar com bonecas de pano como a que ganhei de minha mãe, quando nasci. Perdi minha boneca no caminho e fiquei muito sozinha, sem ninguém com quem conversar. Aí, apareceu o Tonho – disse sorrindo e apertando o menino que estava em seu colo.
- Onde está a mãe dele? – inquiriu Maria.
- Saiu para arranjar comida. Lá perto do mar alguns pescadores deixam as partes dos peixes que não são vendidas. As cabeças e os espinhos. Servem para fazer sopa com mais algumas verduras e farinhas. Fica muito gostosa. Todas as crianças comem primeiro. Depois os mais velhos.
- O que estão esperando aqui? – perguntou, preocupada.

- Não sei, dizem que são os papéis. Mas o estranho é que ninguém sai daqui para procurar. Acho que eles não existem.
 - É claro que existem. O problema é que dependem dos funcionários da imigração, não dos moradores dos acampamentos. Vi outro dia um homem tirando foto desses lugares. Eles devem publicar nos jornais e as pessoas ficam sabendo. Logo outras pessoas e crianças do mundo vão defender os moradores daqui.
 - Por quê?
 - O sofrimento de homens, mulheres e crianças sempre desperta nosso próprio sofrimento. Nós temos vergonha de conviver com a dor humana, mais do que com a dor pessoal. Não se pode ser feliz enquanto povos inteiros viverem desse modo sofrido.
 - Você acredita nisso?
 - Acredito. Por isso devemos falar, filmar e divulgar essa situação, para que se formem grupos de solidariedade que nos apóiem.
 - Você também é refugiada? – perguntou a menina.
 - Sou, só que cheguei a Melilla por barco e trouxe comigo algum dinheiro que tem permitido que eu sobreviva e possa ainda ajudar gente como você.
- Ambas olharam para o céu para disfarçar as lágrimas que teimosamente insistiam em cair.

FOTO Um bote ou patera transporta marroquinos. Estreito de Gibraltar, 1997.

MAPA n. 2 Da África à Europa: africanos na travessia de Gibraltar.

LIVROS FERKISS, Victor C. *África. Um continente à procura de seu destino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967 ■ KILLINGRAY, David e RATHBONE, Richard. *Africa and the Second World War*. Londres: Macmillan, 1997 ■ LYNN, Martin. *Commerce and economic change in West Africa. The palm oil trade in the nineteenth century*. Cambridge University Press, 1997 ■ READER, John. *Africa – A biography of the continent*. Nova York: Vintage Books, 1998 ■ THORTON, John. *Africa and Africans in the making of the Atlantic*. Cambridge University Press, 1998.

FILME *Casablanca* (1943, Michael Kurtz)

MELILLA

Localizada numa pequena península mediterrânea do Marrocos e composta por dois grupos de ilhas adjacentes, Melilla foi uma fortaleza cercada por muralhas, fundada pelos fenícios e conquistada sucessivamente pelos romanos, godos e árabes. Foi ocupada pela Espanha em 1495.

Disputada pelos rifenhos (grupo berbere), que ao longo do tempo lutaram contra o domínio espanhol e francês sobre a região, Melilla é um porto importante e base militar de defesa do território. A partir de 1987, foi reivindicada pelo rei Juan Carlos I de Espanha, que propôs um governo conjunto entre seu país e o Marrocos sobre a região. A proposta do rei da Espanha provocou tensões entre a Arábia Saudita, a Tunísia, o Marrocos e a Argélia, de um lado, contra os interesses da Espanha, de outro.

Melilla acabou sendo responsável por uma aproximação marroquino-argelina, que permitiu a construção de um gasoduto através do estreito de Gibraltar por uma empresa binacional com sede em Rabat. Esse grande empreendimento, entretanto, não resolveu o problema do crescimento do número de desempregados do Marrocos, cuja migração para as cidades aumentou nos últimos cinco anos, provocando crises de saneamento, abastecimento e moradia. Desse modo, Melilla e Tarifa passaram a ser centros de imigração ilegal rumo ao sul da Espanha, com tentativas de fugas e risco de morte por afogamento.

A crise econômica do Marrocos gerou uma renegociação da dívida externa, ao mesmo tempo que o Conselho Internacional das Nações Unidas para o Controle de Narcóticos denunciava a utilização de seu território para o cultivo de ópio e coca.

Os problemas políticos internos têm sido denunciados pela Associação Marroquina de Direitos Humanos, que aponta o crescimento da tortura e da prisão política dos opositores do regime. Em 1992, Hassan II destituiu o primeiro-ministro Azedini Laraki e convocou um referendo para aprovação de uma nova Constituição, dando mais poderes ao Parlamento. A oposição cresceu, vencendo as primeiras eleições parlamentares em 1993 e, em 1994, o rei indicou para primeiro-ministro, Abd Al Latif Filali, passando a defender uma integração cultural a partir do uso do idioma berbere na vida nacional.

Os objetivos dessas reformas políticas visavam recuperar o sentimento nacional, refazer a imagem do Marrocos no contexto europeu e fiscalizar a imigração clandestina para a Espanha. As reformas sociais – irrigação, desenvolvimento da cultura nacional e privatização das empresas estatais – envolveram em debates as oposições de esquerda no Parlamento, culminando com a formação de uma coalizão política que incluiu a União Socialista de Forças Populares, o Partido da Independência contra a União Constitucional e a União Nacional de Independentes, representantes das forças de direita. Em 1998, a União Socialista de Forças Populares obteve o cargo de primeiro-ministro. Em 1999, Hassan II morreu de pneumonia, sendo substituído por seu filho Sid Mohamed.